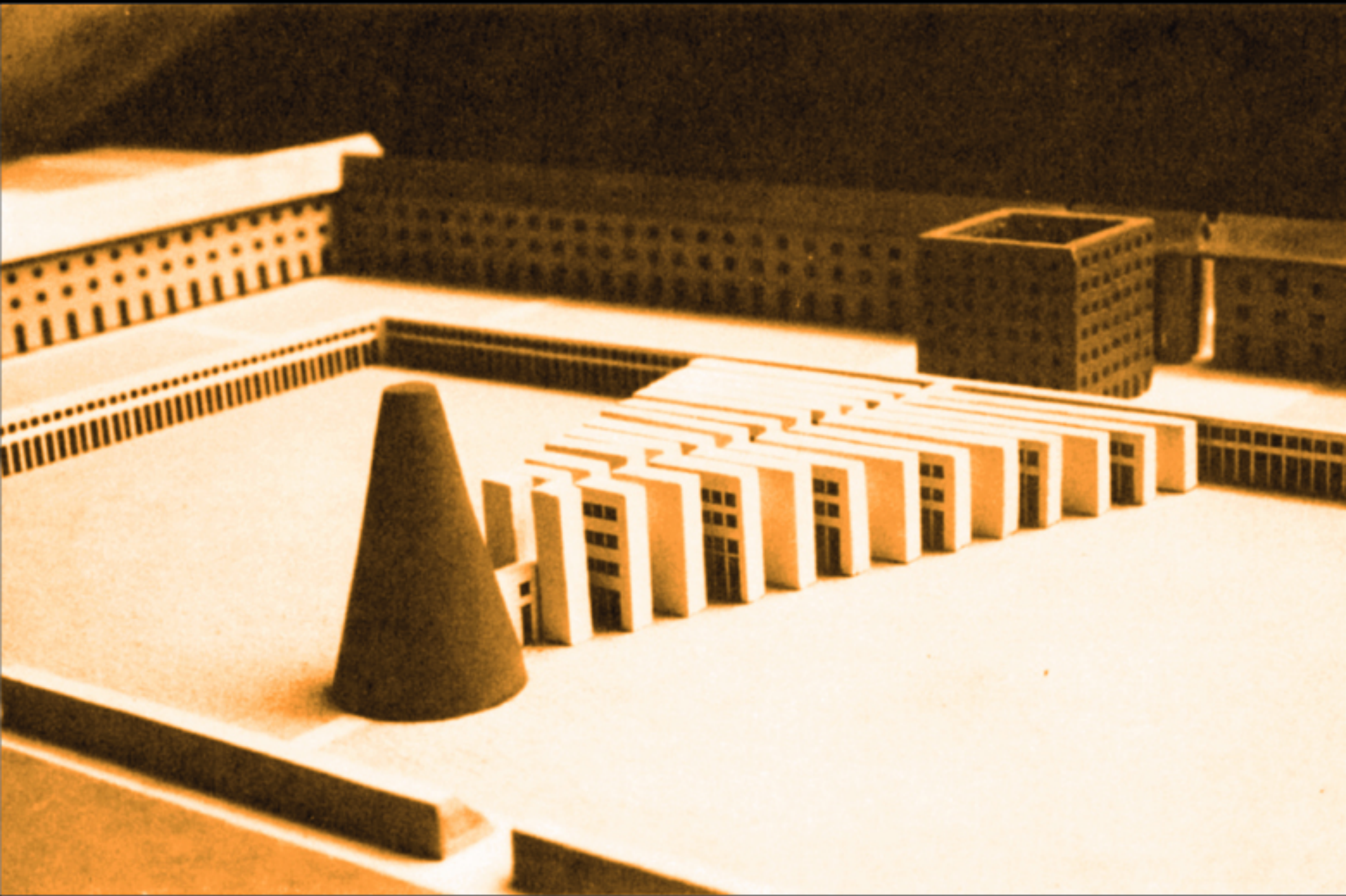


Revista Arquitetura Lusíada

8



Universidade Lusíada Editora
Lisboa • 2015

JOSÉ ANTÓNIO JORGE PINTO, VIDA E OBRA

António Francisco Arruda de Melo Cota Fevereiro

RESUMO

O gosto pelas épocas passadas e o desenvolvimento tecnológico oitocentistas abriram caminho para novas abordagens estilísticas. Dando origem, a partir de 1890, ao movimento Arte Nova.

O movimento Arte Nova teve como principais centros de difusão a França, a Bélgica, a Alemanha e a Áustria. Noutros países europeus o movimento teve uma expressão muito particular, como em Portugal. Efetivamente, no final do século XIX, aparecem as primeiras referências Arte Nova realizadas no nosso país. A partir de 1900 ganhará relevo através da arquitectura, do mobiliário, da decoração, do *design*, do grafismo e da cerâmica, entre outras criações.

Na mesma época é debatida a questão da *casa à portuguesa*, que também terá importância a partir da mesma data. As duas correntes fundem-se ou expressam-se singularmente. Outro fator que importa realçar são as fontes de inspiração estrangeiras, as quais foram reinterpretadas de forma inovadora pelos nossos criadores em diversas áreas artísticas.

Todas estas fontes de inspiração foram desenvolvidas no trabalho de alguns pintores. Os quais tinham formação académica mas, enveredaram pela difícil arte da cerâmica. De entre eles destaca-se o pintor José António Jorge Pinto, cujo trabalho é expressivo do período Arte Nova. Este artista soube reinterpretar, de forma original, várias influências estrangeiras e fundiu-as com a cultura portuguesa. Visível nos motivos estilizados em azulejo, sendo este recurso um dos mais reconhecidos da cultura portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Nova, Azulejo, Inovação, Modernidade, Intemporalidade

ABSTRACT

The nineteenth century technological development and historical revivals gave way to new stylistic approaches. Originating the Art Nouveau movement after 1890.

The main Art Nouveau radiating centers were in France, Belgium, Germany and Austria. In other European countries the movement had a very particular approach, like in Portugal. The first Art Nouveau references in our country are dated from the late nineteenth century. It had a relevant influence on architecture, furniture, decoration, design, graphic design and ceramics, among other creations after 1900.

At the same time the *casa à portuguesa* (Portuguese style house) question aroused some debate and gained importance. The two artistic trends mixed or were expressed individually. Another important point to stress out is the reinterpretation of foreign works by our artists in various creations.

The work developed by some painters was inspired in these two movements. Most of them had academic apprenticeship in oil painting and learned the difficult art to paint on ceramics. Among them stands out the impressive work by painter José António Jorge Pinto during the Art Nouveau period. In an original way he wisely combined foreign influences with his native culture. Which can be admired in the stylized motifs in tile, this resourceful ceramic material is recognized as one of Portugal best known cultural feature.

KEYWORDS

Art Nouveau, Tile, Innovation, Modernity, Timelessness.

Na segunda metade do século XIX o *Beaux Arts* e as inspirações em épocas passadas, influenciaram a arquitectura portuguesa. Esta constatação está patente na obra desenvolvida pelos arquitectos António José Dias da Silva e José Luís Monteiro, entre outros. No trabalho deste último observamos que o azulejo foi explorado de maneira inovadora, realçando e integrando-se na arquitectura. O arquitecto Miguel Ventura Terra inspirou-se na mesma abordagem e, em finais do século XIX, o azulejo gradualmente terá novas aplicações até antes nunca desenvolvidas¹.

Noutros países europeus, sensivelmente a partir de 1890, vão irradiar nova abordagens estilísticas, arquitectónicas, gráficas e de *design*. Este novo sopro destruiu:

“[...] a velha banalidade dos modelos antigos. Do maior ao mais pequeno, do mais futil ao mais necessario, os objectos que mobilam e ornamentam a nossa vida chegaram – por indolencia de uma industria rotineira – a anquilosar-se, a fixar-se em formas inalteraveis. E a preocupação de vender barato deploravelmente proscreveu a beleza. A personalidade! Eis o que a Arte Nova procura ressuscitar, tenta vivificar.” (Carvalho, 1901, 214).

O movimento Arte Nova aparece em Portugal nos finais do século XIX, conforme a investigação por nós encetada. Teve grande influência na decoração de lojas e interiores domésticos, no mobiliário, no grafismo, nos metais, na marcenaria, nos vitrais, na pintura, na cerâmica, no desenvolvimento da volumetria e assimetria na arquitectura, entre muitas outras características, as quais carecem de um estudo aprofundado.

No trabalho desenvolvido pelos arquitectos Álvaro Augusto Machado, Raúl Lino da Silva, Manuel Joaquim Norte Júnior², Tertuliano Marques, Nicola Bigaglia e Alfredo

¹ No século XIX utilizou-se o azulejo como revestimento parcial ou total de fachadas, realçando os vãos e elementos arquitectónicos em alguns edifícios. No trabalho dos arquitectos mencionados o azulejo ganhou outro papel de relevo na união de fachadas, realçando os elementos arquitectónicos, que foi depois eximamente explorado durante o período Arte Nova (Fevereiro, 2016, p.62-74).

² Em Novembro de 2014 o autor participou no *Colóquio Norte Júnior ou o Triunfo do Eclectismo*, promovido

Coffino, entre outros, temos vindo a constatar o seguinte:

- a adaptação de um edifício ao terreno, a manipulação volumétrica e a hierarquia interior influenciando o desenho de fachadas, através do desenho e dimensionamento de vãos;
- a utilização de ornamentos Arte Nova em fachadas de edifícios;
- a aposta em linhas arquitectónicas sóbrias e modernas, sem o recurso a decorações supérfluas ou *falsas*;
- a entrega de projectos nas Câmaras Municipais que divergem das soluções construídas;
- a influência francesa, belga, germânica e italiana entre nós.

Efetivamente é na obra de Nicola Bigaglia que vamos encontrar algumas das reflexões acima mencionadas. A *Ourivesaria In Arte Laetitia*³, a Casa João Borges Alves⁴ e a Casa Doutor Moisés Marcondes⁵ são exemplos paradigmáticos. Curiosamente fomos encontrar dois projectos em que na versão construída desapareceram quaisquer traços Arte Nova, nomeadamente no Edifício Manuel Mota Nogueira⁶ e na Casa António Pereira de Matos⁷. A mesma situação aconteceu com o seu colaborador, Alfredo Coffino, no projecto para a Casa Francisco Freire Teixeira Marques⁸.

Outro projecto, único na obra conhecida de Bigaglia, é a Casa/Atelier para o pintor João Vaz⁹, em Algés (Fevereiro, 2016, p.62-74). Neste edifício o arquitecto enveredou por referências Arte Nova e da *casa à portuguesa*.

Após o *Ultimatum* de 1890 e a bancarrota, Portugal entrou num novo ciclo de crescimento económico.

A cultura nacional passa a ser valorizada e novas questões são levantadas, como a de que haverá ou não um tipo de *casa à portuguesa*. Concluindo-se de que há vários tipos de habitações, consoante o clima, o material disponível e outras particularidades (Pessanha, 1902, p.19).

pela Universidade Autónoma de Lisboa. desde essa data que estão para sair as atas, onde o autor expôs o desenvolvimento da assimetria, da volumetria e de outras particularidades na obra do arquitecto Norte Júnior.

³ Começou a ser construída em 1903 e foi remodelada em 1914, situava-se na Rua Garrett em Lisboa. Os intervenientes foram: construtor, o projetista; *Cardoso Dargent & C.^a* (peças metálicas); *Germano José de Salles & F.os* (cantaria); João José Vaz (pinturas decorativas); Nicola Bigaglia (mobiliário) e os mosaicos vindos de Veneza (Bigaglia, 1903, fl.1) (Collares, 1905, p.107).

⁴ Construída de 1907 a 1908 na Avenida da República em Lisboa, tendo sido demolida em 1972 (Bigaglia, 1907, fl.1) (Collares, 1907, p.209-210.).

⁵ Foi construída na Avenida Dom Carlos I em Cascais, tendo demolida em meados do século XX (Bigaglia, 1904, fl. 1).

⁶ Construído de 1903 a 1905 na Rua Fernão Lopes, em Lisboa, e demolido em 1989 (Bigaglia, 1903, fl.1) (Collares, 1904, p.265-267).

⁷ A moradia foi construída de 1906 a 1908 no gaveto da Avenida Duque de Ávila para a Avenida dos Defensores de Chaves. Os desenhos técnicos existentes em arquivo não estão assinados. O construtor civil responsável foi João Rodrigues Sebola, inscrito segundo o n.º 66 na Câmara Municipal de Lisboa. A moradia demolida em 1977 (Incógnito, 1906, fl.1) (Collares, 1905, p.145-146).

⁸ Alfredo Coffino assinou o projecto, entregue em duplicado, na Câmara Municipal de Lisboa. A moradia foi construída em 1907, na Avenida da Liberdade, e demolida em 1948 (Coffino, 1907, fl.1) (Collares, 1907, p.225-226).

⁹ Construída em 1905 no gaveto formado pela Rua D. Francisco de Almeida a Sul contornando para a Rua Joseph Bleck a Norte (Bigaglia, 1905, fl. 1) (Collares, 1912, p.37-39).

O principal mentor desta nova abordagem arquitectónica e estilística foi o arquitecto Raúl Lino da Silva. Da sua estadia no Reino Unido e Alemanha trouxe novos conceitos, admiravelmente reinterpretados com referências culturais portuguesas. De 1899 a 1902¹⁰, no Estoril, desenvolveu eficazmente a distribuição espacial, a volumetria e as decorações em azulejo. Em Lisboa salientamos a notável modernidade do desenho arquitectónico da Casa Joaquim de Jesus Ferreira¹¹. O seu trabalho gradualmente foi fonte de inspiração para outros projetistas¹².

São todas estas condicionantes, acima descritas, que em parte vão influenciar o trabalho de vários pintores. Nos últimos anos temo-nos dedicado ao levantamento biográfico e obra de alguns artistas, tais como o ilustrador Miguel da Torre do Vale Queriol, o pintor Joaquim Luís Cardoso, o pintor António Tomás da Conceição e Silva, o vitralista Cláudio Augusto de Azambuja Martins, entre outros (Fevereiro, 2016, p.62-74)¹³. Entre eles destaca-se o pintor José António Jorge Pinto, que nasceu a 20 de Setembro de 1875 na freguesia da Lapa, Lisboa. O pai, Pedro José Pinto, era irmão do pintor Manuel Henrique Pinto, amigo do pintor José Vital Branco Malhoa (Fevereiro, 2012, p.241-292).



Figura 1 – José António Jorge Pinto, fotografia sem data e autor.

¹⁰ Os projetos são: Casa Maria do Rosário Gomes (1899, Monte Estoril); *Villa Tanger* (1900, Monte Estoril); Casa Alexandre Rey Colaço (1901, Monte Estoril); Casa Carlos Francisco Ribeiro Ferreira (1901, Estoril) e Casa Jorge O'Neill (1902, Cascais).

¹¹ Esta moradia foi construída pela firma *Vieillard & Touzet* na Avenida da República, em Lisboa, de 1904 a 1905. Tinha um mirante na extremidade do lote e foi bastante alterada em 1921 e 1945, tendo sido demolida em 1962 (Lino, 1904, fl.1) (Collares, 1904, p.121-123).

¹² Nomeadamente em parte da obra dos arquitectos Álvaro Augusto Machado e Manuel Joaquim Norte Júnior. Deste último destacamos três projetos de sua autoria inéditos. O primeiro é datado de 1910, para Francisco Nicolau dos Santos, e durante a construção o desenho da fachada é alterado ao gosto da *casa à portuguesa* (Collares, 1912, p.73-74) (Júnior, 1912, fl.1). O segundo foi para o irmão do proprietário anterior, Guilherme Nicolau dos Santos, e terminado em 1911 ao gosto da *casa à portuguesa* (Collares, 1912, p.81-82) (Júnior, 1910, fl.1). As moradias eram na Avenida Júlio Dinis, foram construídas por Fernando Vitorino dos Santos Soares (construtor civil inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 260) e foram respectivamente demolidas em 1966 e 1970. Norte Júnior nas publicações da época usou o pseudónimo Vitruvius Postulanus, para esconder a identidade, tendo sido posteriormente revelado (Ignotus, 1913, p.42). O arquitecto e o construtor referido tiveram encomendas de José Luís Vinagre para dois lotes contíguos que então tinha na Avenida da República. O projecto de Norte Júnior foi demolido em 1959 e o do construtor ainda se encontra de pé (Moreira, 1911, p.11-12) (Júnior, 1909, fl.1) (Collares, 1912, p.153-154) (Soares, 1911, fl.1)

Na moradia para Guilherme Nicolau dos Santos foi construído posteriormente um edifício para garagem, cocheiras, cavalariças e quartos segundo projecto do construtor Guilherme Eduardo Gomes (Gomes, 1916, fl.1).

¹³ A grande maioria destes artistas frequentou a Real Academia de Belas Artes, em Lisboa.

No dia 7 de Novembro de 1890 inscreve-se no curso de pintura decorativa, na então Real Academia de Belas Artes em Lisboa, tendo como colega Benvindo António Ceia.

No curso foi discípulo dos pintores José Ferreira Chaves e José Maria Veloso Salgado.

Concorre ao prémio Anunciação, no ano letivo de 1893 a 1894, e estava no 2º ano do curso de pintura histórica. Não ganha e o premiado foi Augusto Pascoal Correia Brandão¹⁴.



Figura 2 – Desenho a carvão de um burro, assinado e datado de 1892.

A 3 de Novembro de 1894 reprova na 4ª cadeira de Pintura Histórica, com a classificação de medíocre¹⁵.

Volta a concorrer, pela última vez, no ano letivo seguinte e obteve a primeira classificação. A pintura foi a de um boi¹⁶.

¹⁴ Os concorrentes, além de Jorge Pinto, foram Augusto Pascoal Correia Brandão (3º ano pintura histórica) Benvindo António Ceia (2º ano de pintura histórica), Hermenegildo Pereira Simões (3º ano de pintura de paisagem) e João José Ferreira (3º ano de pintura de paisagem). O vencedor foi Augusto Pascoal Correia Brandão, tendo pintado um cavalo, o júri foi composto por José Ferreira Chaves, José Nunes Júnior e Joaquim Prieto. Deliberaram no dia 17 de Agosto de 1894 e não houve mais classificados.

¹⁵ Era o aluno n.º 2 do 2º ano. As provas foram: cabeça 7, modelo 7 e esboçeto 6. O júri foi constituído por António José Nunes Júnior, José Ferreira Chaves e José Simões de Almeida Júnior. Toda esta informação foi recolhida no Arquivo Morto da Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

¹⁶ O júri nesse ano letivo foi composto por José Simões de Almeida Júnior, José Ferreira Chaves e Joaquim Prieto. A deliberação final foi no dia 14 de Agosto de 1895. Os concorrentes, além de Jorge Pinto, foram Pedro da Fonseca Guedes (1º ano de pintura histórica), Benvindo António Ceia (2º ano de pintura histórica) e João José Ferreira (3º ano de pintura de paisagem). O 2º classificado foi Pedro da Fonseca Guedes. O 3º e 4º foram Benvindo António Ceia e João José Ferreira.

O início da atividade como pintor de azulejo foi na Fábrica Constância onde um dia se deslocou, por volta de 1896 ou 1897, para colher uma impressão de luz e de cor para uma pintura a óleo. A qualidade do seu trabalho deverá ter suscitado o interesse do proprietário e de um dos mestres, que o introduzem na difícil arte da cerâmica (Fevereiro, 2011, p.53-73).

A primeira vez que participou numa exposição foi na do Grémio Artístico, em 1898, tendo sido galardoado com a menção honrosa na secção de óleo.

Casou no dia 11 de Junho de 1900, na freguesia de Santa Isabel, com Maria da Piedade Aparício, legitimando duas filhas entretanto nascidas (Cecília e Georgete). O filho Pedro Jorge Pinto nasceu depois, e seguiu as pisadas do pai (Fevereiro, 2012, p.241-292).

Dos primeiros trabalhos conhecidos de Jorge Pinto em azulejo destacamos os realizados para o Sanatório de Sant'Anna, na Parede¹⁷. Este complexo de edifícios foi inicialmente destinado para crianças pobres e doentes cancerosos de ambos os sexos. O projeto é da autoria do arquiteto Rosendo Garcia de Araújo Carvalheira, com a colaboração dos arquitetos Álvaro Augusto Machado, António do Couto de Abreu, Manuel Joaquim Norte Júnior e Adolfo António Marques da Silva. Posteriormente realizou vários painéis em azulejo para edifícios projectos pelos referidos arquitetos, exceto António do Couto de Abreu¹⁸.

No exterior há um pequeno painel assinado pelo pintor e datado de 1903. Ao centro está um caranguejo envolto por algas estilizadas. Parece tratar-se um ensaio e que não teve continuação¹⁹. Efetivamente o pintor encarregou-se de pintar em 1904 os painéis para o inigualável Jardim de Inverno, segundo motivos de sua autoria, do ilustrador Miguel Queriol e do pintor Ricardo Ruivo.

O Jardim de Inverno está dividido em três espaços, com portas e janelas interiores, virado a poente. A relação visual é assim assegurada e realçada pelos motivos em azulejo. Estes conferem cor, realçam as formas arquitectónicas e são didáticos, visto terem sido representadas plantas medicinais. O realismo na representação destes espécimes botânicos é contornado pelos tons maviosos, por um certo abstracionismo e pela expressividade das pinceladas. Nalguns o entrelaçar das folhagens remete-nos para a Arte Nova, noutros o fundo sugere-nos um mundo misterioso e sedutor. Outro facto relevante é a conjugação notável de vários tons, extremamente difíceis de conciliar durante as cozeduras. São todas estas qualidades que fazem deste conjunto um dos mais notáveis do início do século XX português (Fevereiro, 2011, p.528-535).

¹⁷ Este complexo de edifícios foi mandado construir por Claudina Ermelinda de Freitas Guimarães Chamiço, por desejo dos seus sobrinhos, Frederico Biester e Amélia de Freitas Chamiço, morreram respectivamente em 1899 e 1900. A construção do sanatório teve início em 1901 e foi inaugurado a 31 de Julho de 1904.

¹⁸ Não temos conhecimento de algum trabalho do pintor realizado para um projeto do arquitecto.

¹⁹ Os restantes painéis exteriores em azulejo têm representações de peixes, algas, animais marinhos, gaivotas, o monograma do Sanatório e outras estilizações. Estes painéis foram pintados em 1903 por Carlos Alberto Nunes, segundo desenhos do pintor Ricardo Ruivo.



Figura 3 – Painel cannabidis sativa no Jardim de Inverno do Sanatório de Sant'Anna. HOSA/SCML/P.

No mesmo concelho mas, no Estoril, há um painel em azulejo intitulado *Casal Santo António*. Foi colocado numa moradia ao gosto da *casa à portuguesa*, edificada de 1903 a 1904, segundo projecto do construtor cascalense José Teixeira dos Santos²⁰.

O painel representa Santo António em pé numa barcaça pregando aos peixes. A postura, a expressão serena do rosto e a situação periclitante, com as ondas e o cardume de peixes a baterem no costado, conferem dinamismo e expressividade à cena. Sendo realçada pela qualidade do desenho e na utilização dos tons de azul. A cercadura é em tons polícromos de flores e folhas estilizadas. Este painel de carácter religioso é incomum, por se distanciar da formalidade recorrente neste tipo de painéis (Fevereiro, 2011, p.536).



Figura 4 – Painel Casal Santo António, Estoril.

²⁰ O projecto foi encomendado pelo casal Eugénio e Maria Benedita de Freitas Bandeira de Melo.

O entusiasmo em torno da azulejaria deverá ter influenciado Jorge Pinto a participar pela primeira vez, em 1904, numa exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA). Obteve a 3ª Medalha na secção de arte aplicada²¹ e em 1905 volta a participar de novo.

Nesse mesmo ano concluem-se as obras do Colégio Roussel, na Avenida da República, e projecto do arquitecto Álvaro Augusto Machado²².

Para este edifício o pintor elabora seis motivos padronizados para o exterior. Neles explora o uso de cores contrastantes, de figuras geométricas, de estilização de folhas e símbolos religiosos ao gosto românico, que se complementam admiravelmente. O motivo da varanda coberta é um dos mais inovadores de todos. Ao centro está um motivo estilizado, envolto por dois quadrados, estes são interrompidos por figuras geométricas. Esta complexa conjugação, de grande qualidade estética, confere dinamismo e um certo abstracionismo.



Figura 5 – Motivo padronizado em azulejo na varanda coberta do Colégio Roussel.

²¹ A secção de arte aplicada englobava a azulejaria, os bordados e todas as restantes manifestações artísticas que não se enquadravam com a arquitectura, pintura e escultura.

²² O edifício foi construído de 1904 a 1905 pela firma construtora *Vieillard & Touzet*, com ferragens da *Cardoso, Dargent & C.ª* e cantaria da *António Moreira Rato & Filhos*.

No interior, na antiga sala de jantar, vamos encontrar um dos mais significativos lambris Arte Nova portugueses. O motivo é composto por folhas, frutas, flores e outras estilizações polícromas. A conjugação e o uso variado de cores comprovam uma vez mais a maestria do pintor. O motivo principal é limitado por outros dois, pintados num só azulejo, os quais foram usados de forma inovadora.

No vestíbulo principal as ombreiras e teto tinham pinturas decorativas, assim como no teto do antigo salão de festas, hoje desaparecidas. A autoria não está documentada mas Jorge Pinto era formado em pintura decorativa. Estas pinturas tinham semelhanças com as da Capela do Sanatório de Sant'Anna (Fevereiro, 2011, p.542-551)²³.

No mesmo ano realiza faixas em azulejo para o edifício da Estação Marítima da *Parceria dos Vapores Lisbonenses*, construído em 1903 no Cais do Sodré, pela firma construtora *Vieillard & Touzet* (Fevereiro, 2011, p.551-552)²⁴.

As encomendas não cessam e em 1906 volta a participar na exposição da SNBA. Levou quase o dobro das peças que na exposição anterior, tendo sido galardoado e na “[...] séccção de Arte applicada superabunda o azulejo, e é sobremodo louvavel o empenho dos nosso artistas em concorrer para resureição desta interessantissima especialidade ceramica, que taes foros de nacionalidade adquiriu entre nós e que, no ultimo quartel do séc. XIX, havia attingido o maximo grau de abjecção. Nesta especialidade sobresáem Jorge Pinto e Jorge Collaço, o primeiro, fiel ás tradições do nosso azulejo do seculo XVIII, modernizando-as, porém com singular discernimento; o segundo, não se apartando dellas em absoluto, um tanto mais arrojado, contudo, e mais ambiciosas as composições, e por isso mesmo nem sempre attingindo a mesma finura de tom e a mesma sobriedade d’efeito decorativo.” (Silva, 1906, p.115-118)

No catálogo da exposição²⁵ fazem referência à Fábrica de Campolide, onde foi colaborador. Tinha fornos próprios e trabalhava com azulejos em branco da Fábrica de Sacavém e de Campolide.

De 1907 a 1914 não participa nas exposições da SNBA, só voltando no ano de 1915, 1918 e 1922. Em 1916 participa numa exposição mas, em Ponta Delgada na ilha de São Miguel (Fevereiro, 2011, p.53-73).

A participação nas exposições deverá ter suscitado o interesse de José Relvas. O qual encomendou vários painéis em azulejo ao pintor, de 1905 a 1906, para a Casa dos Patudos, em Alpiarça²⁶. O projecto foi da autoria do architecto Raúl Lino da

²³ Nas várias publicações consultadas, desde 2010, que não encontramos referência ao pintor ou pintores do referido espaço.

²⁴ A firma construtora enviou uma carta ao pintor, no dia 17 de Julho de 1905 a solicitar o revestimento parcial da estação.

²⁵ Um dos painéis que levou à exposição foi intitulado *Bois a Gradar*, emoldurado por linhas ao gosto Arte Nova. A cena principal é a mesma que pintou para os painéis da escadaria na Casa dos Patudos.

²⁶ No espólio da Casa dos Patudos há uma carta de Jorge Pinto para José Relvas, datada de 4 de Dezembro de 1905, onde diz que irá a Alpiarça. Apanhará o comboio das 6:20 da manhã, da próxima quinta-feira, e que um azulejo tinha sido enviado pelo Sr. Sequeira.

Silva, o qual não se deixou “[...] dominar por quaesquer preocupações de cenário: antes quis imprimir á «Casa dos Patudos» o que quer que seja de nobre, sem rigidez hieratica e de uma sinceridade que nos encanta e nos prende a essa residencia que, sem ser de hypothetico estylo portuguez, é portugueza em todos os seus elementos componentes.” (Bastos, 1906, p.699).

Na entrada principal encontra-se o painel exterior *Terra Mater*. Tem uma cercadura recortada polícroma ao gosto Arte Nova, de onde brotam frutos, folhas e a respetiva divisa. A cena principal é uma mulher com crianças. Os tons castanhos e verdes dos corpos fundem-se com a Natureza, como um todo indissociável. O fundo é composto por vegetação.

No interior a escadaria principal foi decorada com painéis em tons de azul, sobre fundo branco, *ao gosto modernizado do século XVIII*. As representações são de cenas agrícolas da própria quinta de José Relvas, o seu retrato e o do seu pai²⁷. Pintadas através de fotografias, levadas de Alpiarça para Lisboa²⁸.

No patamar da escada para o terceiro andar há outro painel. O rebordo é recortado e foi pintado em tons de azul. A cercadura é formada por folhagens, cachos de uva e espigas de trigo. A cena principal são duas mulheres: uma a tocar violino, sentada num caramanchão com colunas ao gosto românico; a segunda com uma foice na mão. Ao fundo temos a Casa dos Patudos. A encomenda deste painel comprova o gosto que o proprietário tinha pela música e pela agricultura.

No espólio do Museu há ainda um par de jarrões da autoria de Jorge Pinto. Têm representações de flores, folhas e linhas curvas ao gosto Arte Nova, em vários tons de azul sobre fundo branco (Fevereço, 2011, p.538-542)²⁹.

O gosto pelas figuras geométricas será de novo explorado nos *Armazéns Casa do Povo de Alcântara*³⁰. Nas fachadas laterais concebe um motivo padronizado, usando cores contrastantes, em faixas azulejares. Este motivo é composto pela sobreposição de figuras geométricas, conferindo ritmo e movimento no sentido horizontal, aproximando-se muito do *Jugendstil*. No cunhal da fachada principal complementa as

Noutra carta, datada de 14 de Junho de 1906, o pintor felicita José Relvas pela inauguração da sua residência, além de agradecer a referência ao seu *modesto trabalho* numa publicação.

Toda a documentação referente à correspondência entre José Relvas e Jorge Pinto foi levantada pelo arquitecto Luís Borges da Gama, bisneto do pintor Manuel Henrique Pinto, que teve a amabilidade de partilhar connosco.

²⁷ Estes painéis estão assinados de 1905 a 1906. Efetivamente há uma carta de Jorge Pinto, datada de 28 de Setembro de 1905, onde envia *croquis* com as medidas e cotas para os painéis, precisando de retificar e apurar outras. Além de ter ficado *seriamente contrariado* com um erro ao assentar um dos quadros. Na mesma carta combina com José Relvas o envio dos telegramas: a palavra *venha* significa o pintor no próximo domingo no comboio do costume; a palavra *escrevo* para não ir.

²⁸ Num carta, sem data, o pintor refere ter ainda em seu poder alguma fotografias, de variados formatos, que quer entregar a José Relvas num local a combinar. As fotografias que reproduziam *assumptos dos campinos* tinham sido já entregues no *Grémio Literário*.

²⁹ Estas representações têm semelhanças notórias com os motivos padronizados do Sanatório de Sant’Anna e com os lambris do Colégio Roussel.

³⁰ O proprietário era José de Oliveira Miguéns apresentou na Câmara Municipal de Lisboa dois projectos para os seus armazéns. O primeiro datado de 1904 e o segundo de 1906. A construção esteve a cargo da firma *Vieillard & Touzet*, cuja estrutura metálica e ferragens foram fundidas e trabalhadas na *Cardoso, Dargent & C.ª*.

faixas com um painel. Neste a figura humana central é emoldurada por flores abstratas e outras estilizações ao gosto Arte Nova (Fevereiro, 2011, p.558-561).



Figura 6 – Faixa azulejar no edifício *Armazéns Casa do Povo de Alcântara*.

Num registo completamente oposto ao anterior temos os painéis da *Fundição Jacob Lopes da Silva*³¹, entretanto demolida e que era na Rua dos Remédios à Lapa. Na fachada principal havia dois frontões sobre-elevados. Neles o pintor realizou dois extraordinários painéis. Representam os trabalhadores da fundição em várias tarefas árduas e extenuantes, sugerido pelos contornos nos corpos nus. Os fumos, os vapores, a fornalha, os instrumentos e outros pormenores conferem um realismo extraordinário. Estes painéis retratam uma vida dura, assemelhando-se mais a uma pintura a óleo do que a uma em azulejo. Este conjunto é raro por causa da mensagem social que nos transmite (Fevereiro, 2011, p.561-564).

Em 1907 o pintor executa vários painéis para a Quinta dos Lagos. A propriedade pertencia a Fernando Formigal de Moraes e encomendou o projecto de uma moradia com capela ao arquitecto Francisco Carlos Parente³². No interior o pintor decorou a escadaria principal, a cozinha e um quarto de banho. A capela tem vários painéis ao gosto românico. No parque da propriedade há um miradouro também decorado pelo pintor (Fevereiro, 2011, p.569).

O ano de 1907-1908 parece ser um dos períodos de maior produção de José António Jorge Pinto.

Neste último ano é finalizado o edifício para habitação e comércio do Doutor Guilherme Augusto Coelho, na Avenida Almirante Reis. Foi projetado pelo arquiteto Arnaldo Redondo Adães Bermudes e galardoado pelo Prémio Valmor³³. As fachadas

³¹ O edifício foi construído de 1905 a 1906, tendo sido o construtor civil responsável José Gomes Militão, inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com o número 146. O edifício foi demolido em 1993.

³² Filho do arquitecto Domingos Parente da Silva. O projecto data de 1906 e a construção ficou terminada em 1908. O construtor foi Zacarias Gomes Lima, os vitrais foram da autoria de Cláudio de Azambuja Martins e o portão principal é da autoria do arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior. A capela foi benzida pelo Arcebispo de Mytilene em Agosto de 1909.

³³ O projecto data de 1905 e o construtor civil responsável foi Sebastião de Deus Bragança, os estuques e decorações foram feitos por Manuel Ennes Trigo, as canalizações por Neves da Piedade (que instalou o seu estabelecimento na loja principal do edifício), as serralharias vieram de Coimbra e foram executados por Lourenço de Almeida, António Maria da Conceição, Manuel Pedro de Jesus e João Gomes Júnior (discípulos do professor Augusto Gonçalves).

exteriores foram complementadas por vários painéis em azulejo, com três representações distintas. Numa são cisnes, patos, pombas e um cupido, envoltos por flores e um céu quente. Na segunda são dois pavões também envoltos por flores e o mesmo fundo. No terceiro é um casal de pombas num ninho com ovos, também sobre fundo amarelo e flores. Nestes painéis é extraordinário o uso de tons quentes e a forma, como cada composição, se enquadra com a arquitectura (Fevereiro, 2011, p.575-580).

Num registo oposto escolhemos o emblemático painel publicitário para a *Sociedade Portuguesa de Automóveis L.ª*, que foi colocado no seu edifício a *Garagem Auto-Palace*, na Rua Alexandre Herculano³⁴. A designação do edifício encontra-se emoldurada por estilizações ao gosto Arte Nova, eximamente conjugadas com as formas arquitectónicas do frontão principal. O uso de cores polícromas foi explorado de maneira a cativar o transeunte. Este conjunto é um dos mais emblemáticos da *Belle Époque* portuguesa (Fevereiro, 2011, p.565-568).

A policromia é substituída, em 1908, pelo uso do azul sobre fundo branco, muito recorrente na azulejaria portuguesa. Visto ser em grande número os exemplares localizados.

O primeiro exemplo é o revestimento exterior da leitaria *A Camponeza*, na Rua dos Sapateiros e projectada pelo construtor Domingos de Almeida Pinto³⁵.

O desenho arquitectónico dos vãos ao gosto Arte Nova é complementado pelo revestimento azulejar. Os vãos são circundados sinuosamente por folhas e papoilas, tendo entre eles o nome da casa comercial, um inseto e uma camponesa.

No interior as sancas dos tetos têm faixas em azulejo, com um motivo padronizado polícromo. Composto por folhas, flores e figuras geométricas ao gosto Arte Nova (Fevereiro, 2011, p.584-586).

O segundo é o trabalho para vários projectos do arquitecto Álvaro Augusto Machado no Alto do Estoril.

Os projectos são os seguintes: moradia para o médico psiquiatra açoriano José Caetano de Sousa Pereira de Lacerda; um bairro denominado *Roseiras*, propriedade do anterior e duas moradias para o arquitecto³⁶.

A moradia para o Dr. José de Lacerda foi designada como *Casa dos Arcos*, conforme o painel em azulejo desaparecido que estava na fachada principal. Na fachada Nascente havia outro painel, uma faixa vertical encimada por um semicírculo.

³⁴ O edifício foi construído de 1906 a 1907 pela firma *Vieillard & Touzet*, com estruturas metálicas fornecidas pela firma *Cardoso, Dargent & Cª*. O grande janelão exterior era decorado com vitrais da autoria de Cláudio de Azambuja Martins, só tendo sobrevivido os das janelas laterais.

³⁵ Domingos de Almeida Pinto era desenhador no Ministério das Obras Públicas e construtor civil, inscrito na Câmara Municipal de Lisboa segundo o número 205. Apesar de terem o mesmo apelido não há ligação familiar próxima, comprovada pela investigação entretanto realizada.

³⁶ Nesta mesma publicação abordaram-se os projectos referidos. Ver *Revista Arquitectura Lusíada* n.º 4, página 51 a 60.

A união das fachadas fazia-se através de um motivo padronizado, emoldurado por tijolos salientes, entre os vãos. No motivo foram representadas aves a esvoaçarem por entre flores, folhas, formas geométricas e linhas sinuosas, de sabor etéreo e inebriante.

A influência Arte Nova estava registada nos azulejos, na manipulação volumétrica da moradia e no desenho arquitectónico do Jardim de Inverno³⁷.

O *Bairro das Roseiras* nunca foi concluído e era para ser composto por *Casas do Typo 1, 2 e 3*. Só foram construídas estas últimas e decoradas com faixas em azulejo, com dois motivos padronizados.

Numa das moradias do arquitecto ainda se conserva praticamente toda a azulejaria original.

O pintor foi ao encontro do projecto arquitectónico. Realizando vários painéis de forma a realçar as formas e fachadas, criando uma ilusão de escala e unidade. Na fachada principal é um grande painel com a representação de uma mulher. Está vestida com vestes etéreas e do seu ventre partem círculos. Na fachada tardoz temos o oposto, um homem de barbas, vestes que lhe cobrem o corpo e segura uma pequena flor na mão. Estas duas figuras têm uma auréola composta por círculos. Nos restantes painéis o sinuoso entrelaçar e luxuriante de curvas que sugerem folhas estilizadas, assim como flores abstratas e animais, conjuga-se admiravelmente com formas geométricas (sendo o círculo o mais utilizado). Este conjunto Arte Nova é um dos mais originais e raros no nosso país (Fevereiro, 2012, p.51-60).



Figura 7 – Motivo padronizado no pórtico de entrada das Casas Álvaro Machado, Estoril.

37 Tem semelhanças flagrantes com a arquitectura Arte Nova de cariz belga.

Noutro registo oposto, e datados do mesmo ano, termina vários painéis para o muro exterior do Palacete Menino de Ouro, na Rua Luís Fernandes. As cenas campestres foram pintadas em tons de azul sobre fundo branco, com cercaduras policromas de gosto convencional (Fevereiro, 2011, p.598-601).

No ano de 1909 volta a colaborar com a firma construtora *Vieillard & Touzet*. Um dos trabalhos foi o revestimento do edifício das massas do complexo industrial *A Napolitana*, em Alcântara³⁸. O segundo foi para a *Central Tejo*³⁹. Nestes edifícios retoma o gosto pelas figuras geométricas, já exploradas em 1907, nos motivos padronizados. Neles assistimos à mesma conjugação inovadora e complexa, aliada á utilização de cores fortes e contrastantes. Desta forma os motivos revelavam a função produtiva destas unidades fabris, além de realçarem as formas arquitetónicas (Fevereiro, 2011, p.604-608).

No mesmo ano realiza a azulejaria para o edifício de habitação Doutor Fortunato Jorge Guimarães, na Avenida Duque de Loulé. Obteve a menção honrosa do Prémio Valmor e foi projetado pelo arquitecto Adolfo António Marques da Silva⁴⁰. No segundo piso, entre os vãos, havia painéis com cercaduras ao gosto Arte Nova e flores pendentes. A cimalha tinha um motivo padronizado de flores, folhas e enlaçadas com fitas. Este motivo era emoldurado pelas formas arquitectónicas e envolvia superiormente a escultura de José Neto (Fevereiro, 2011, p.608-610).

Em 1909 é fundada a *Fábrica de Arcolena*, cujo diretor artístico foi Conceição e Silva⁴¹.

No ano a seguir parece ter realizado os azulejos para a Casa Émile Van Olselen Carp, na Rua da Junqueira⁴². Este conjunto tem a seguinte referência: *Cerâmica Artística Arcolena*.

No topo dos dois janelões, do primeiro andar, foram realizados painéis de fundo rosa. Têm uma moldura composta por folhas e flores ao gosto Arte Nova, uma figura central feminina. Estes painéis adaptam-se à forma de semicírculo em pedra, sendo depois esta emoldurada por um motivo padronizado em cercadura. Este motivo tem

³⁸ Este complexo industrial foi construído de 1908 a 1912. O pintor realizou faixas em azulejo e um anúncio publicitário, que foi retirado em Novembro de 1962.

³⁹ A primitiva Central Tejo foi construída de 1908 a 1909, tendo sido demolida em 1937. O pintor realizou várias faixas e dois painéis publicitários. Os edifícios existentes foram construídos posteriormente pela mesma firma construtora.

⁴⁰ O arquitecto fez um primeiro projecto e que foi entregue para apreciação na Câmara Municipal no dia 15 de Fevereiro de 1908. No mesmo ano e no dia 27 de Maio é entregue outro projecto, que foi aprovado e construído. Os restantes intervenientes foram: Guilherme Eduardo Gomes (construtor civil inscrito na referida Câmara com o n.º 147), *Bico Aureo* (instalações de gás, sanitárias e água, firma pertencente a Carlos Vaz), *Herrmann* (instalações eléctricas), *Cruz & Irmão* (estuques), *Viuva Thiago da Silva & Cª* (serralharias), *António Moreira Rato & Filhos* (cantaria e esculturas) e *José Neto* (escultura feminina na fachada principal). O edifício foi demolido em 1965.

⁴¹ José Queirós informa-nos que tinha sido fundada em Julho de 1909 por Maria José Gomes Correia e Filhos, na freguesia de Santa Maria de Belém, Rua das Pedreiras. O primeiro diretor artístico foi o pintor António Tomás da Conceição e Silva (Queirós, 2002, p.345).

⁴² Émile Van Olselen Carp entrou com um pedido para construção da sua habitação em 1906. No entanto em 1907 é entregue outro projecto semelhante ao anterior. Nos dois a colocação de painéis em azulejo foi contemplada mas, os desenhos técnicos não estão assinados.

flores e outras estilizações e continua para as ombreiras dos janelões. Emoldura outra motivo padronizado de flores, fitas e estilizações, que foi repetido na cimalha.

O desenho arquitectónico deste edifício, com referências à Europa do Norte, foi assim animado por esta extraordinária azulejaria Arte Nova (Fevereiro, 2011, p.615-617).

Em 1909 começou a ser construído um edifício de habitação para António Tomás Quartin, na Rua Alexandre Herculano, projetado pelo arquiteto Miguel Ventura Terra⁴³. Ficou concluído em 1911 e foi galardoado com o Prémio Valmor.

As janelas do rés-do-chão, a cimalha do segundo andar e a grande porta janela da cobertura foram decoradas com azulejos policromos da autoria de Jorge Pinto.

Nos azulejos do rés-do-chão pintou flores e folhas estilizadas. Na cimalha criou um motivo padronizado de flores, folhas e outras estilizações abstratas. As estilizações nestes azulejos são marcadamente Arte Nova. Intensificadas pelo uso de tons opacos e sedosos, conferindo um certo irrealismo e suavidade. No grande janelão foi representada uma cegonha de asas abertas, rodeada de delicadas rosas estilizadas. Neste edifício, consoante o piso e o desenho arquitectónico, temos três níveis com azulejo, que culmina no grande janelão (Fevereiro, 2011, p.630-633).

Em Maio de 1910 escreve a José Relvas o seguinte:

“Acusando a recepção do estudo da questão económica portuguesa agradeço muito penhorado o offerecimento de tão valioso trabalho que noutra paíz que não fosse o nosso teria certamente o destino que merece.

Assim e em minha modestíssima opinião espero que esse trabalho será fecundo dada a transformação política que resolverá todo o problema da sociedade portuguesa.

Até lá, todos os esforços serão poucos, e ficarão pelo caminho como clarões que hão de guiar os vossos dirigentes, como este cuja leitura veio por assim dizer refrescar as minhas esperanças de ver esta bella terra dignificar-se pelo trabalho e pelo estudo.

Queira V. Ex.^a e meu bom amigo desculpar este desabafo de um sincero e obscuro; renovo mil agradecimentos

*De V. Ex.^a ami. muit. obr.
José António Jorge Pinto
Lx.^a 29 de Maio de 1910⁴⁴*

Profeticamente no dia 5 de Outubro desse ano foi implantada a República, abrindo assim um novo ciclo em Portugal.

Na madrugada de 4 de Outubro de 1910 uma granada do Regimento de Artilharia 1 danificou a *Concorrente*, na Rua Saraiva Carvalho. Este estabelecimento comercial foi remodelado de 1912 a 1913, segundo projecto do futuro architecto Raúl Pedro Martins⁴⁵, para homenagear a implantação da República. Daí na fachada terem sido

⁴³ Os intervenientes foram: Francisco Caetano da Silva (construtor inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com n.º 41), Pedro Pardal Monteiro (cantarias) e Jacob Lopes da Silva (serralharias).

⁴⁴ Correspondência entre José António Jorge Pinto e José Relvas que se encontra na Casa dos Patudos.

⁴⁵ A Concorrente era um misto de talho, salsicharia, tabacaria, papelaria e sala de bilhar. O construtor civil

colocadas peças escultóricas e uma lápide, alusivas ao acontecimento e realçadas pela azulejaria do pintor. Onde foram pintadas papoilas, folhas e caules ao gosto Arte Nova. Este lânguido entrelaçar enquadra rostos femininos com vários tons de pele, aludindo à pluralidade cultural, reforçada pela restante simbologia. Nestes painéis, recortados na base e rematando o topo do piso térreo, o pintor explorou de novo os tons quentes e contrastantes (Fevereiro, 2011, p.640-643).

A última participação num projecto do arquitecto Álvaro Machado é em 1914. Nesse ano ficou terminada uma moradia para Ernesto Santa Cruz Magalhães, no Campo Grande, tendo sido galardoada com a Menção Honrosa do Prémio Valmor⁴⁶. Na fachada principal há um painel retratando o poeta Luís Vaz de Camões (cópia de um quadro do pintor José Malhoa) e outro do cão Hermínio (animal de estimação do proprietário, que tinha sido envenenado), em tons de azul sobre fundo branco (Fevereiro, 2011, p.645-647).

Nos primeiros anos da Primeira Guerra Mundial realiza vários painéis para decorar os novos *chalet-retretes* entretanto construídos. O projecto é da autoria do arquitecto José Alexandre Soares⁴⁷, foram construídas pela *Vieillard & Touzet*, nos seguintes locais: uma no parque Silva Porto; outra no Poço do Bispo; uma terceira no Cais do Sodrê e a última no Jardim Constantino. Tendo sido decoradas com painéis policromos em azulejo.

No dia 29 de Janeiro de 1916 o pintor, numa carta a José Relvas, escreve-nos o seguinte:

*“Esta tem por fim explicar a V. Ex.^a que já tinha combinado com um amigo meu para vir a minha casa fotografar-me uns painéis para o parque Silva Porto que acabei à pouco.”*⁴⁸

Os painéis que se encontram no parque ostentam a data de 1915. Devem ter sido colocados pouco tempo depois e felizmente encontram-se completos. Ao contrário dos que foram colocados no Cais do Sodrê, datados de 1916. Em cada conjunto, de acordo com o local, foi apropriadamente escolhido um tema. O qual foi tratado individualmente em cada painel. Cada um tem uma ou mais figuras humanas, envoltas por estilizações ao gosto Arte Nova. Conciliando a realidade com um certo erotismo e fantasia (Fevereiro, 2011, p.655-661).

responsável pela remodelação foi José Pedro Martins.

⁴⁶ A moradia começou a ser construída em 1913. O construtor civil responsável, inscrito com o número 12, foi Frederico Augusto Ribeiro. A cantaria e escultura foi fornecida por *Germano José de Sales & Filhos*. As serralharias estiveram a cargo de *Vicente Joaquim Esteves*.

Após a morte do proprietário e de acordo com o seu desejo, a moradia seria transformada em escola e num museu dedicado à obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Actualmente é o Museu Bordalo Pinheiro.

⁴⁷ O projecto está datado de 1913.

⁴⁸ Correspondência entre José António Jorge Pinto e José Relvas que se encontra na Casa dos Patudos.



Figura 8 – Painel *Bem me quer* para o *chalet-retrete* construído no Parque Silva Porto.

De 1916 a 1917 volta a usar preponderantemente o azul sobre fundo branco.

Os primeiros exemplares foram realizados para o Palacete Belmarço, em Faro, projetado pelo arquitecto Norte Júnior. Decoram as paredes de um vestíbulo central, iluminado por uma claraboia⁴⁹. Os temas são paisagens e vistas de várias localidades.

Os segundos exemplares foram especificamente pintados para as Cocheiras Santos Jorge, no Estoril, e projecto de Norte Júnior⁵⁰. Neles foi retratada uma corrida de carros, com algumas peripécias e sobressaltos (Fevereiro, 2011, p.661-669).

As cercaduras destes dois últimos trabalhos têm semelhanças com as realizadas anteriormente para a Casa dos Patudos.

Os terceiros e últimos painéis encontram-se na Quinta das Cerejeiras, no Bombarral, também projecto de Norte Júnior para Abel Pereira da Fonseca. O desenho arquitetónico é inspirado na *casa à portuguesa*, assim como a azulejaria realizada. No interior decorou o vestíbulo principal. O proprietário deverá ter ficado satisfeito com o trabalho realizado pelo pintor quando, em 1930, sugere o seu nome para decorar a estação ferroviária do Bombarral, que mais à frente irá ser referida (Fevereiro, 2011, p.664-667).

Em Novembro de 1917 parece ter terminado a adaptação de vários painéis religiosos e profanos setecentistas, de novo na Casa dos Patudos. Estes são provenientes de uma capela dedicada a Santa Iria, em Santarém, e foram colocados num dos vestíbulos da habitação⁵¹. Este é o primeiro trabalho do género que se

⁴⁹ Estes painéis estão datados de 1916.

⁵⁰ As cocheiras começaram a ser construídas em 1914 e deveram ter ficado terminadas por volta de 1918. Os painéis em azulejo estão datados de 1916 a 1917 e encontram-se na Colecção Berardo.

⁵¹ Os azulejos são em tons de azul sobre branco. Foram colocados no vestíbulo onde se encontram vários retratos

conhece do pintor até agora. Outra informação relevante é as fábricas lhe cobrarem preços exorbitantes pelos azulejos, tendo por isso iniciado uma unidade fabril e que a Fábrica de Arcolena tinha encerrado. Posteriormente, nos azulejos que assina, acrescenta a referência a esta fábrica⁵².

Na década de vinte do século XX o trabalho desenvolvido pelo pintor vai-se centrar nas estilizações inspiradas na azulejaria setecentista, sobretudo a nível de cercaduras e outros motivos. Tendo para isso estudado alguns exemplares desse períodos nas reservas do Museu Nacional de Arte Antiga⁵³.

O primeiro registo nesta década, é o da decoração de uma escadaria e sala no Pavilhão das Indústrias⁵⁴ (atual Carlos Lopes em Lisboa) na exposição internacional no Rio de Janeiro em 1922. Os azulejos foram recortados no topo e com várias cenas campestres (Fevereiro, 2011, p.670-672).

No mesmo ano termina vários painéis para o *Casal de Santa Margarida*, em Sintra, e projecto de Norte Júnior⁵⁵. O edifício tem características arquitetónicas da *casa à portuguesa*, assim como a azulejaria produzida (Fevereiro, 2011, p.672-673).

a óleo da família Relvas.

Na correspondência existente na Casa dos Patudos recolhemos o que segue abaixo.

Cartas de José Relvas a Jorge Pinto datadas de: 15.02.1916; 21.02.1916; 24.02.1916; 07.06.1917 e 15.05.1917.

Nelas convida o pintor a vir a Alpiarça por causa dos azulejos de Santa Iria, como os adaptar a uma das salas e o orçamento.

Cartas de Jorge Pinto a José Relvas: 28.01.1916; 29.01.1916; 03.02.1916; 06.02.1916; 19.02.1916; 25.02.1916; 26.02.1916; 20.01.1917; 13.06.1917; 21.06.1917; 25.07.1917; 24.10.1917 e 02.11.1917

Nas cartas datadas do ano de 1916 estabelece as despesas com a deslocação, encaixotamento e outras. Refere que terminou os painéis para o parque Silva Porto e combina ida a Santarém. Discute a melhor forma de se aproveitarem os painéis de Santa Iria, sendo preciso alguns virem para Lisboa. terá que fazer dois novos painéis. Diz que está sujeito aos fabricantes que lhe negam azulejos, como as Devesas, e que outros lhe cobram quatro vezes mais o preço corrente. Pede para José Relvas ter paciência para o trabalho ser finalizado. Ao mesmo tempo está a trabalhar no Instituto Superior Técnico mas, despede-se em Novembro.

Nas cartas datadas do ano de 1917 diz que tem muito trabalho atrasado à dois anos. Não terminou o de Santa Iria. A Fábrica de Arcolena, onde se fornecia, tinha fechado e daí ter começado a montar uma pequena unidade fabril em casa. Diz que montou tanques e fornos mas, não consegue prosseguir devido à falta de capital e de um sócio. Faltava-lhe montar a oficina da moagem do vidro e da manipulação do azulejo. Desabafa estar descontente, apesar de estar sempre a trabalhar, e do descontentamento dos seus clientes. Aconselha os azulejos seguirem a viagem de barco, visto os caminhos-de-ferro não serem fiáveis. No último trimestre do ano os azulejos estão quase prontos, pedindo para isso paciência para se alcançarem resultados satisfatórios. Em Novembro anuncia que irá cozer os azulejos aos fornos da fábrica das Janelas Verdes. Informa-nos ainda que a fábrica só cozia os vidrados uma vez por mês.

⁵² Num artigo assinado por Ergoni diz-nos que o pintor foi um dos sócios, conjuntamente com Conceição e Silva, e que foi fundada para dar resposta a uma encomenda de vulto (Ergoni, 1965, p.12).

⁵³ José António Jorge Pinto endereçou uma carta ao Diretor para esboçar o espólio de cerâmica. A pretensão foi deferida e a resposta datada de 23 de Maio de 1922 pelo diretor. No dia 26, do mesmo mês e ano, curiosamente há outra carta favorável endereçada a Leopoldo Battistini e ao pintor da sua fábrica Viriato Silva, igualmente para estudar os exemplares da secção de cerâmica portuguesa

As cópias das cartas encontram-se no livro n.º 3, referente a Cópias da Correspondência Remetida, Museu Nacional de Arte Antiga, datas extremas: Janeiro de 1922 a Dezembro de 1923.

⁵⁴ Os autores do projecto foram os irmãos arquitectos Carlos e Guilherme Rebelo de Andrade, conjuntamente com o arquiteto Alfredo da Assunção Santos. Além desta pavilhão havia outro denominado por Honra, projeto dos arquitetos José Ângelo Cottinelli Telmo, Carlos Ramos e Luís da Cunha. Ambos os pavilhões foram inspirados na época do Rei D. João V.

⁵⁵ O projecto está datado de 1921.

A partir de 1922 realiza a azulejaria interior e exterior para uma moradia em Cascais (Fevereiro, 2011, p.674-675)⁵⁶.

Na Rua Camilo Castelo Branco há a registar um São Marçal, datado de 1924, envolto em cercaduras ao gosto setecentista, colocado por cima das portas do quartel de bombeiros.

Em Santarém, na Rua Dr. Jaime de Figueiredo, há um painel datado de 1926 (Fevereiro, 2011, p.677).

No Colégio Valsassina fez um painel exterior, em 1927, para o portão. Em 1928 para a capela pintou cinco painéis, onde representou milagres portugueses⁵⁷ (Fevereiro, 2011, p.678-679).

Em 1929 realiza vários painéis para o edifício Artur Guilherme Robert, na Rua de Santa Catarina. Nos painéis pequenos representou cestos de vime com arranjos florais polícromos. No grande painel, com cercadura em volutas e concheados, pintou composições florais polícromas.



Figura 9 – Painel no edifício Artur Guilherme Robert, Lisboa.

No ano a seguir decora a estação ferroviária do Bombarral⁵⁸, por sugestão de Abel Pereira da Fonseca. Na habitação deste último faz um pequeno painel para o lavatório do seu *toilette* (Fevereiro, 2011, p.681-684).

Os azulejos da estação foram realizados na Fábrica de Arcolena, onde o filho, Pedro Jorge Pinto, realizou a azulejaria para o Mercado do Livramento em Setúbal.

Até à data da sua morte não foram identificados mais trabalhos em azulejo.

⁵⁶ O projecto é da autoria do engenheiro Gastão Benjamim Pinto, para Dom Nuno Miguel de Almada e Lencastre, datado de 1922.

⁵⁷ Na fachada da capela está um painel de carácter religioso assinado por A. R. Santos, Viúva Lamego, Lisboa. Os vitrais da capela são da autoria de Ricardo Leone.

⁵⁸ Esta é a única estação ferroviária com azulejos de sua autoria, até hoje conhecida.



Figura 10 – Torre de Belém. Assinado e datado de 1932 por José António Jorge Pinto, Cerâmica Arcolena. Coleção particular do autor.

Morreu no dia 9 de Setembro de 1945 em Lisboa.

Desde 2010 que a vida e obra de Jorge Pinto tem vindo a ser investigada.

Teve início em dados escassos e pouco rigorosos, como a data de nascimento que lhe era atribuída.

A cada ano que passa novas informações são adicionadas, outras justificadas mas, muitas ainda por esclarecer. Novas perspectivas têm surgido, completando aos poucos a vida e obra deste artista. Cujas qualidades, perfeccionismo e espírito inovador são louváveis.

Passados estes seis anos tem-se vindo a adensar uma certeza, a de que José António Jorge Pinto é um dos mais sublimes pintores em azulejo do período Arte Nova. Na sua obra fomos encontrar influências nítidas da Arte Nova francesa e belga, do *Jugendstil* germânico e austríaco, do movimento da *casa à portuguesa*, além de outras fontes. Mas o que importa realçar aqui é a forma como as interpretou, criando algo novo, intemporal e inigualável. Outro ponto extraordinário é a forma como adaptou a sua obra às formas arquitectónicas.

A obra de Jorge Pinto merece ser preservada para as gerações vindouras, além de ser dada a conhecer em Portugal e além fronteiras.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Figura 1 – Fotografia gentilmente cedida pelo arquiteto Luís José Pinto Borges da Gama, bisneto do pintor Manuel Henrique Pinto.

Figura 2 – Fotografia do desenho gentilmente cedida pelo arquiteto Luís José Pinto Borges da Gama, bisneto do pintor Manuel Henrique Pinto.

Figura 3 – Fotografia do autor, tirada no dia 15 de Fevereiro de 2011.

Figura 4 – Fotografia do autor, tirada no dia 11 de Novembro de 2009.

Figura 5 – Fotografia do autor, tirada no dia 28 de Dezembro de 2010.

Figura 6 – Fotografia do autor, tirada no dia 9 de Julho de 2016.

Figura 7 – Fotografia do autor, tirada no dia 8 de Janeiro de 2010.

Figura 8 – Fotografia do autor, tirada no dia 13 de Outubro de 2010.

Figura 9 – Fotografia do autor, tirada no dia 9 de Julho de 2016.

Figura 10 – Fotografia do autor, tirada no dia 8 de Julho de 2016.

REFERÊNCIAS/BIBLIOGRAFIA

BASTOS, J. T. da Silva – A Casa dos Patudos. Ilustração Portuguesa. Lisboa 2ª Série 22 (23 de Julho de 1906) 699.

BIGAGLIA, Nicola (1903) – Ourivesaria In Arte Laetitia. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.

BIGAGLIA, Nicola (1903) – Propriedade pertencente ao Ex.mo Sr. Manuel da Motta Nogueira às Picoas. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.

BIGAGLIA, Nicola (1904) – Casa do Ex.mo Sr. Dr. Moysés Marcondes em Cascaes. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais.

BIGAGLIA, Nicola (1905) – Projecto de uma casa d`habitação que João Vaz deseja construir no terreno que possui na quinta de S. Matheus, Dáfundo, freguesia de Carnaxide, concelho d`Oeiras. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.

BIGAGLIA, Nicola (1907) – Casa João Borges Alves. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.

CARVALHO, Pinto de – Elegancias e Mundanidades, As joias femininas. Brasil – Portugal. Lisboa 62 (16 de Agosto de 1901) 214.

COFFINO, Alfredo (1907) – Projecto d`uma casa de habitação a construir na avenida da Liberdade, freguesia de S. Sr. Coração de Jesus, 3º Bairro, em terreno pertencente ao Ex.mo Sr. Francisco Freire Teixeira Marques. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.

COLLARES, E. NUNES (1904) – Casa do ex.mo Sr. Manuel Motta Nogueira: Na rua Fernão Lopes: Architecto, Sr. Nicola Bigaglia. A Construcção Moderna. Lisboa 118 (1 de Janeiro de 1904), 265-267.

COLLARES, E. NUNES (1904) – Casa do ex.mo Sr. J. J. Ferreira: Na Avenida Ressano Garcia: Projecto do architecto, Sr. Raul Lino. A Construcção Moderna. Lisboa 136 (1 de Julho de 1904), 121-123.

COLLARES, E. NUNES (1904), A Construcção Moderna, (136).

- COLLARES, E. NUNES (1905) – Frente de estabelecimento. A Construcção Moderna. Lisboa 170 (1 de Julho de 1905), p.107.
- COLLARES, E. NUNES (1905) – Casa do Sr. Pereira de Mattos: Na Avenida Duque d'Ávila: Projecto do architecto, Sr. Nicola Bigaglia. A Construcção Moderna. Lisboa 175 (30 de Agosto de 1905), p.145-146.
- COLLARES, E. NUNES (1907) – Casa do Sr. João Borges Alves: Na Avenida Ressano Garcia: Projecto do architecto, Sr. Nicola Bigaglia. A Construcção Moderna. Lisboa 219 (10 de Abril de 1907), p.209-210.
- COLLARES, E. NUNES (1907) – Casa do Sr. Francisco Teixeira Marques: Na Avenida da Liberdade: Projecto do ar-chitecto e constructor civil Sr. Alfredo Coffino. A Construcção Moderna. Lisboa 221 (1 de Maio de 1907), p.225-226.
- COLLARES, E. NUNES (1912) – Casa do Ex.mo Sr. João Vaz: No Alto do Dáfundo: Architecto, Sr. N. Bigaglia. A Architectura Portuguesa. Lisboa 10 (Outubro de 1912), p.37-39.
- COLLARES, E. NUNES (1912) – Casa do Sr. Francisco Nicolau dos Santos: Na rua Julio Diniz: Constructor, Sr. Fernando Soares. A Construcção Moderna. Lisboa 370 (20 de Maio de 1912), p.73-74.
- COLLARES, E. NUNES (1912) – Casa do Sr. Guilherme Nicolau dos Santos: Na rua Julio Diniz: Architecto, "Vitruvius Postulanus". A Construcção Moderna. Lisboa 371 (5 de Junho de 1912), p.81-82.
- COLLARES, E. NUNES (1912) – Casa do Ex.mo Sr. José Luiz Vinagre: Na Avenida da Republica: Projecto do Sr. Fernando Soares. A Construcção Moderna. Lisboa 380 (20 de Outubro de 1912), p.153-154.
- ERGONI – Divulgação Artística: Arte Nova III: Artes Plásticas. República. Lisboa (4 de Junho de 1965) p.12.
- FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota. Genealogia, dados biográficos e obra de arquitetos, artistas e construtores civis portugueses do século XIX e XX. In Raízes e Memórias. Lisboa: Associação Portuguesa de Genealogia, Dezembro de 2012. ISBN 978-972-96566-9-9, p.241-292.
- FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota. The Art Nouveau Tiles as Frames to Architecture in Lisbon. In ARTis ON - Special issue. Lisboa: Journal of the ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2016. ISSN 2183-7082, p.62-74.
- FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – Álvaro Augusto Machado, José António Jorge Pinto e o movimento arte nova em Portugal. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2011. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.
- FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota; ANTUNES, Alexandra Paula de Carvalho. Casas Álvaro Machado, no Alto do Estoril, e a azulejaria do pintor José António Jorge Pinto: Resumo biográfico e obra. Lisboa: Revista Arquitectura Lusíada, N. 4 (1.º semestre 2012): p.51-60. ISSN 1647-9009.
- GOMES, Guilherme Eduardo (1916) – Projecto de um edificio para garage, cocheira e cavallariça, anexo ao predio do Sr. Jose Rau, na rua Julio Diniz. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.
- IGNOTUS (1913) – Casa do Ex.mo Sr. Manoel Ottolini: No Bairro Heredia (Estrada de Bemfica): Architecto: Guilherme E. Gomes. A Architectura Portuguesa. Lisboa 11 (Novembro de 1913), p.42.
- Incógnito (1906) – Projecto de Casa: Que o ex. Sr. Antonio Pereira de Mattos, deseja mandar construir no seu terreno, na Avenida Duque d'Avila freguezia de S. Sebastião

- da Pedreira, 3º Bairro. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.
- JÚNIOR, Manuel Joaquim Norte (1909) – Projecto de propriedade que José Luiz Vinagre pretende construir no seu terreno situado na Avenida Ressano Garcia freguesia de S. Sebastião da Pedreira – 3º Bairro. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.
- JÚNIOR, Manuel Joaquim Norte (1910) – Projecto de uma propriedade para habitação própria que Guilherme Nicolau dos Santos pretende construir no seu terreno sito na rua Julio Diniz, freguesia de S. Sebastião da Pedreira 3º bairro. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.
- JÚNIOR, Manuel Joaquim Norte (1912) – Projecto para substituição da fachada principal que Francisco Nicolau dos Santos pretende fazer na sua casa em construção na rua Julio Diniz – freguesia de S. Sebastião da Pedreira – 3º bairro. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.
- LINO, Raúl (1904) – Casa Joaquim de Jesus Ferreira. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.
- MOREIRA, Arnaldo (1911) – Predio do Sr. José Luiz Vinagre: Architecto: Norte Junior. A Architectura Portuguesa. Lisboa 3 (Março de 1911), p.11-12.
- PESSANHA, D. José – Raul Lino. A Construção Moderna. Lisboa 3:56 (10 de Abril de 1902) p.19.
- QUEIRÓS, José; GARCIA, José Manuel, co-autor. Cerâmica portuguesa e outros estudos. 4ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002. ISBN 972-23-2969-3, p.345.
- SILVA, Caetano Alberto da – 6ª Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes (Concluído do numero antecedente). Occidente. Lisboa 29:987 (30 de Maio de 1906) p.15-118.
- SOARES, Fernando Vitorino dos Santos (1911) – Projecto da casa que José Luiz Vinagre pretende construir na Avenida da Republica. Escala 1/100, folha 1. Acessível no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.

ANTÓNIO FRANCISCO ARRURA DE MELO COTA FEVEREIRO

Mestre em Arquitectura pela Universidade Lusíada de Lisboa, onde defendeu em 2011 a tese com o título: *Álvaro Augusto Machado, José António Jorge Pinto e o movimento arte nova em Portugal*.

Este foi o ponto de partida para a realização de vários artigos e a participação em colóquios. Neles tem vindo a desenvolver temáticas sobre o período Arte Nova português, incidindo sobre novas perspetivas e na reunião de dados relevantes e inéditos.

No artigo para a publicação *Raízes e Memórias*, número 29 em 2012, com o tema *Genealogia, dados biográficos e obra de arquitetos, artistas e construtores civis portugueses do século XIX e XX*, escreveu sobre a biografia e a obra de vários artistas.

A nível de colóquios participou nos seguintes:

- *Colóquio Norte Júnior ou o Triunfo do Eclectismo*, Universidade Autónoma de Lisboa, em 2014;
- *AzLab#14 - Azulejos & Frames*, no Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, em 2015;
- *1º Colóquio Saudade Perpétua*, em Vila Nova de Gaia e Porto, em 2016.

Tem artigos publicados no jornal *Açoriano Oriental*, na *Revista Arquitectura Lusíada*, no jornal *O Caminhense*, no *Arquivo de Cascais* e no *Journal of the Artis*.

antoniofranciscocotafevereiro@gmail.com